

JORNAL DO DCE

INFORMATIVO - GESTÃO ESPAÇO ABERTO - DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES AOS ALUNOS DA UNICAMP - ANO I - Nº I - 04/99

MANIFESTAÇÃO ESTUDANTIL NO CONSU

PARA ENTENDER O CASO

No último dia 30 de março, a partir das 8h00, cerca de 200 estudantes se manifestaram no Conselho Universitário para garantir o direito de escolherem livremente os seus representantes discentes. Com o apoio de 564 assinaturas o ato, que suspendeu o Consu foi uma atitude drástica tomada diante da falta de vontade política por parte da reitoria em resolver um problema que vem se arrastando desde novembro do ano passado. O DCE que vem tentando o diálogo como forma de evitar a "Degola dos 19" tomou esta atitude para garantir que a voz dos estudantes não seja calada. Além dos estudantes terem sua representação comprometida pela quantidade ínfima de representantes no Consu e demais instâncias universitárias, querem nos impedir de participar das decisões políticas e administrativas que nos atingem diretamente, usando argumentos da época da ditadura militar: o artigo 135 do estatuto da Unicamp.

Como entendemos que este artigo 135 fere a livre escolha dos estudantes, decidimos lutar



Estudantes em manifestação contra a Reitoria, em frente ao prédio do Consu

pela sua supressão. Se os alunos decidirem que fulano não serve para representá-lo por ser repetente, eles simplesmente não votam nele. Por outro lado esta é uma medida autoritária e desigual. Imagine se o artigo 135 fosse assim: professor que não for bem avaliado pelos alunos não podem ser re-

presentantes docentes. Já pensou? A maioria deles não chegariam nem perto da porta do Consu!

Participe e dê a sua opinião, envie um e-mail no endereço: dce@unicamp.br ou vá às nossas reuniões no DCE, todas as terças-feiras, ao meio-dia. CONTINUA PG 3.

Setembro/98 - o Instituto de Artes pediu ao Conselho Universitário – Consu - o cumprimento do artigo 135 do Estatuto da Unicamp, de 1966. O referido artigo, que nunca havia sido colocado em prática em seus 33 anos de existência, estabelece que alunos repetentes não podem ser representantes discentes nas instâncias universitárias.

06/11/98 – representantes discentes protocolaram na Secretaria Geral a proposta de supressão do artigo 135. Apesar de estar dentro do prazo regimental, o Reitor preferiu não colocar nossa proposta em pauta na reunião do Conselho do dia 24 de novembro, alegando que a colocaria dentro da reforma do estatuto da Unicamp, prevista para fevereiro.

24/11/98 – reunião do Consu - 2 representantes discentes titulares e 5 suplentes do Consu, e os 6 titulares da CCG foram impedidos de assumir suas representações, devido o artigo 135.

02/99 - a reforma do estatuto é adiada para abril

02/99 - as entidades DCE, APG, STU e ADUNICAMP lançam a proposta de uma Estatuante – representantes eleitos com o fim exclusivo de reformar o estatuto da Unicamp, propondo a retirada da reforma estatutária do Consu.

26/03/99 - recebemos a pauta do Consu e mais uma vez o Reitor não colocou em pauta nossa proposta. Dezenove estudantes estariam impedidos de tomar posse em 8 congregações da Unicamp – é a chamada "Degola dos 19"

29/03/99 - reunião entre representantes discentes no Consu, representantes da APG e o DCE, avaliando que tínhamos que evitar a "Degola dos 19" e a supressão do artigo 135, decidimos impedir a reunião do Consu do dia 30 de março, com a reivindicação dela ser adiada por uma semana, para que se incluísse na pauta a nossa proposta de supressão do artigo 135 (isto está previsto no Regimento interno do Consu).

CALOURADA DCE: UM SUCESSO

Foto: Ingrid



Marisa Monte, na calourada 99, quando o show recomeçou, após o apagão

VEJA AINDA NESTA EDIÇÃO:

página 02

- Campanha Universidade Para Todos
- Réquiem para Badan Palhares
- Expediente

página 03

- A manifestação no Consu
- Cortes no Hospital da Unicamp

página 04

- Cortes na Moradia Estudanti
- FOP - O pato feio da Unicamp

página 05

- Carteirinha estudantil: direito à meia entrada

- Campus de Limeira: DCE presente

página 06

- APG se apresenta
- Universidade em crise
- Literatura Latino-Americana

página 07

- Contra o corte de verbas públicas
- Música Fora FHC e FMI

página 08

- Calourada 99

CAMPANHA UNIVERSIDADE PARA TODOS

DCE E APG LANÇAM CAMPANHA EM DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA, GRATUITA E DE QUALIDADE

Universidade



PARA TODOS

Até que ponto as Universidades Estaduais e Federais do Brasil são realmente Públicas? Elas atendem e servem à sociedade como um todo? No caso específico da Unicamp a resposta às duas perguntas é negativa. Com efeito, a Unicamp tem 18.000 alunos e 2.000 professores, numa média de 9 alunos/professor, o que indiscutivelmente está aquém da sua capacidade e do seu potencial. A taxa de inscrição no vestibular, R\$70,00, é um obstáculo intransponível para muitos jovens brasileiros. Os cursos de extensão oferecidos a altos preços atendem apenas àqueles com grande poder aquisitivo. Os setores conservadores da Unicamp ao defenderem a cobrança de taxas para a moradia estudantil sinalizam que pouco se importam com os alunos que não tem condições financeiras de se manter em Campinas sem moradia gratuita. A universidade ao fechar às 17:00hs demonstra que cursos noturnos existem apenas para cumprir um item constitucional.

Com esse quadro de profundo retrocesso no sentido público da Universidade Estadual de Campinas, o DCE e a APG lançam a campanha "Universidade para todos", defendendo:

- Isenção da taxa de inscrição do vestibular para jovens que não podem pagá-la.
- Aumento de pelo menos 20%, já para o ano 2000, das vagas da Unicamp.
- Universidade aberta até as 23:00hs: "Noite não é só para dormir".
- Implementação de cursos de extensão gratuitos: "Extensão não é comércio".
- Melhoria nos programas de assistência estudantil.
- Moradia estudantil gratuita. "Moradia não é pensão".
- Conversão da Bolsa Trabalho para Bolsa de Estudo aos alunos pobres.
- Aumento do número de bolsas de estudo.
- Melhoria do projeto de tutoria para calouros com formação escolar deficiente.
- Estudar medidas para diminuir a evasão.
- Proliferação de cursos pré-vestibular de caráter social.
- Não à cobrança inconstitucional de funcionários do bandeirão.
- Aumento do repasse do ICMS para as universidades públicas paulistas.

Jornal do DCE - é uma realização da coordenação do DCE-Unicamp, integrada pelos seguintes estudantes:
Coordenação Geral: Gediel Ribeiro de Araújo (IFCH), Humberto de Assis (IMECC) e Regiane Beltran Fernandez (IB) - **Coordenação de Imprensa:** Heloísa Molina (IG) - **Coordenação de Finanças:** Gil César (IMECC) - **Coordenação de Cultura:** Frederico Palma (IMECC) -

Coordenação de Esportes: Adriano Mercussi (IFCH) - **Coordenação de Ensino:** Protásio Andrade (IF) - **Coordenação do campus de Limeira:** André Luís (IF) - **Coordenação do campus de Piracicaba:** Tiago Henrique (FEM) - **Suplentes:** Fábio Notrispe (IQ) e Tibério Cardoso (FEM)
Críticas e sugestões devem ser encaminhadas ao DCE (ao lado do Bandeirão II) ou pelo e-mail: dce@unicamp.br

RÉQUIEM PARA BADAN PALHARES

Se Deus não existe, então tudo é possível, diz um personagem de Dostoievsky. Soubemos do Dr. Badan Palhares pelos amplos espaços em jornais e revistas e TV's. Imagem inabalável ao longo dos anos recentes. Ao lado de sua foto majestática assinava a legenda a grife Unicamp, como a referendá-lo e reforçar a impecabilidade de suas façanhas. Do reconhecimento da ossada de um nazista até o ET de Varginha, tudo foi possível. Afinal, a mercê dos poderosos de plantão, na Universidade Estadual de Campinas, sob suas ordens ou seu beneplácito Dr. Badan Palhares, o rei do pedaço, nunca perdeu a majestade, nem deixou de explorá-la, perante holofotes da mídia. Como se na universidade pública, apartada da sociedade real, a regra fosse a permissividade e a esfinge que emergia da ilha, podia prostituí-la à vontade perante a massa "incauta" e "iletrada" de brasileiros.

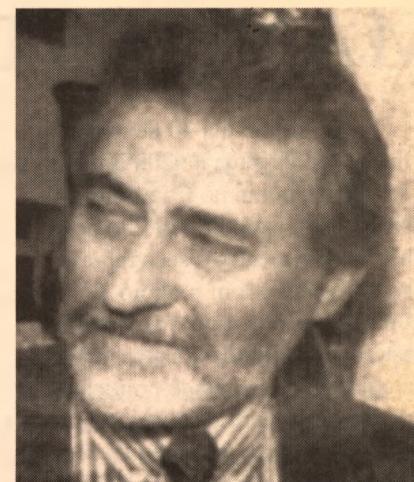
Se a universidade não está compromissada com seu povo tudo é possível e o Dr. Badan Palhares é a prova incontestada de um tempo em que o herói de uma universidade pública, sua esfinge se aproxima da de um palhaço. Como se a universidade tomasse parte deliberada do circo geral que os poderosos ofertam ao povo junto com o pão, que o diabo amassou, o diabo de gravata importada e um monte de tucanos na gaiola.

Veja bem o paradigma é outro e os tempos são outros. São tempos do doutor Badan Palhares e tais. Não são Florestan Fernandes, Paulo Freire, Milton Santos, Antônio Cândido, Maria da Conceição Tavares, Mário Schemberg. Não são gente desse naipe.

Mas vamos acabar com a palhaçada sem graça acabando com o palhaço, para não deixar outros se reproduzirem, porque esta moda pega fácil.

Justifiquemos o canto fúnebre pelo que se tem de informação pública para não cairmos na da calúnia barata e dos boatos que não são poucos.

A ditadura militar, nefasta para os estudantes e suas organizações, brindou-nos com Dr. Badan Palhares como relíquia brilhante e viva. Talvez, por isso, os mortos do



O professor da Unicamp, Fortunato Badan Palhares, envolvido em confusões: o abandono da ossada de Perus, o laudo do assassinato de PC Farias e o uso indevido de material da Unicamp

cemitério de Perus, São Paulo, não foram identificados, mofando nas mãos do irreprimível Dr. e seus estoques de ossos alheios e incriminatórios.

Os equipamentos públicos do laboratório da Unicamp serviram para enriquecê-lo em negócios privados, não obstante isso, tomou a providência de mudá-los para seus espaços particulares, pois ali teriam melhor acolhida. Equipamentos caros. Pouco importa, pois Deus não existe.

Se Deus não existe, então PC Farias foi morto pela amante que se suicidou e ao morrer, por processo biológico surreal, esticou. Isso mesmo, ganhou alguns centímetros.

Se Deus não existe, Badan Palhares ressuscitará sempre dentre os mortos pois trata-se de um arquivo vivo nas mãos de poderosos.

Mas, para nós, isso pouco importa. Para nós, ele morreu, está morto. Neste sentido, renegamos vida a esses heróis modernos que ganham dimensão pública criados nos muros das melhores universidades, para que a história não se repita como nova farsa perante os olhos de nosso povo.

Para finalizar, brindamos à esperança e entoamos um canto fúnebre ao Dr. Badan Palhares, que já vai tarde.

(Texto lido no Conselho Universitário pelo representante discente Luíz Leduíno de Salles Neto.)

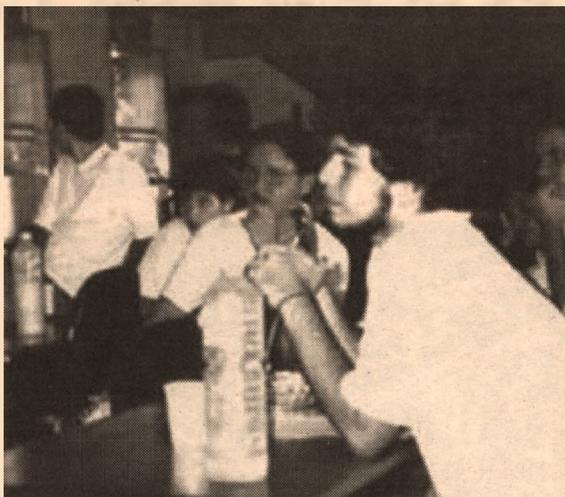
A MANIFESTAÇÃO PASSO A PASSO

A preparação da manifestação

Uma vez tomada a decisão de impedir a reunião do Consu, fomos ao Bandeirão, na véspera noticiar a "Degola dos 19", e convocar os estudantes para uma MANIFESTAÇÃO em frente ao Consu, no dia seguinte, às 8h30 da manhã. Vale lembrar que neste jantar o DCE estava organizando um outro ato - o jantar dançante a luz de velas, contra o aumento do bandeirão. Após o jantar nos reunimos e fizemos uma lista com 30 nomes de estudantes que resistiriam dentro do Consu o tempo necessário para nosso objetivo. Trabalhando a noite inteira, marcamos uma concentração no DCE a partir das duas da manhã. Com um pequeno batalhão, alguns dormiram no DCE, outros sequer dormiram, nos organizamos para o ato no dia seguinte, separando os que iam ficar dentro e os que iam ficar fora do prédio, noticiando à imprensa e dando explicações à comunidade. Durante a madrugada, discutimos principalmente a importância e as consequências da ocupação, não nos esquecendo de avisar a todos sobre os riscos de sofrer perseguições durante e após a manifestação. Este aviso não intimidou ninguém, pois a causa era (e é) justa.

A manifestação

As 8h00 da manhã o pequeno batalhão se reuniu perto da sala do Consu e, com a insegurança pelo que viria, ainda assim decidiu entrar. O chefe de gabinete do Reitor, ao ver a movimentação foi buscar seguranças para retirá-los



Alunos ocupando a sala do Consu contra o artigo 135 do Regimento Interno da Unicamp: Punição arbitrária da Reitoria

de lá. Então, fecharam as portas encostando os móveis que encontraram: 17 estudantes estavam ocupando a sala de reuniões do Consu.

Após anunciarem a ocupação, o Reitor encaminhou uma proposta que seria apresentada na reunião: dia 23 de abril haveria um Consu que trataria da adequação da Unicamp à LDB e que incluiria a mudança do estatuto. Não aceitamos a proposta pois defendíamos que a reforma do estatuto deveria ser feita numa Assembleia e não no Consu. Assim, continuávamos com nossa proposta inicial de adiar a reunião por uma semana e incluir na pauta a supressão do artigo 135.

O reitor, diante da ocupação, decidiu transferir a reunião do Conselho Universitário para o prédio da DGA, onde cerca de 200 estudantes estavam concentrados esperando uma solução para a nossa reivindicação. Com a insistência em realizar o Consu no prédio da DGA, houve um grande tumulto

(uma porta de vidro se quebrou) e os estudantes ocuparam também a sala da DGA interrompendo a reunião que estava no início do expediente (O Hermano apenas deu alguns informes).

Com o impasse, a Reitoria, através do Pró-reitor de extensão Vanderlei Geraldi, se comprometeu em articular e defender a retirada de pauta das atas das eleições das congregações, que degolava os 19 estudantes, e a colocar como primeiro ponto de pauta no próximo Consu a supressão do artigo 135. Resolvemos aceitar tal proposta da Reitoria desde que esta se comprometesse a antecipar a reunião do dia 23, que ela garantisse a não punição aos estudantes que ocuparam e que o acordo fosse feito por escrito. Às 16h00 eles apresentaram a seguinte proposta: apoiariam a retirada da degola dos 19, a supressão do artigo 135 no Consu de abril e que os outros pontos seriam discutidos por uma comissão de ne-

gociação com estudantes e membros da Reitoria após a desocupação da sala (esta proposta foi entregue por escrito, assinada pelo chefe de gabinete do Reitor, Raul Vinhas e pelo Vanderlei). Na discussão ficou clara a intenção de punir os estudantes, porém o estado físico e psicológico dos ocupantes determinou que deveríamos aceitar inicialmente a proposta e discutir posteriormente acerca da punição.

Montou-se uma comissão mista de estudantes e da reitoria para viabilizar a proposta aceita pelas partes e desocupamos a sala deixando-a intacta e limpa.

As negociações e a punição

Os professores Raul, Ângelo e Teixeira integram a comissão de negociação por parte da reitoria. A comissão de negociação decidiu continuar a reunião do Consu no dia 7 de abril, com o compromisso de ambas as partes em articular a retirada de pauta a "Degola dos 19" e decidindo que na Reunião do Consu do dia 27 de abril, o primeiro ou segundo ponto de pauta seria a supressão do artigo 135.

No episódio o Reitor puniu 8 estudantes, sem o sagrado direito de defesa e sem considerar os mais de 564 estudantes que também se responsabilizaram pelo ato. Nós não concordamos com esta punição, pois temos o direito de manifestar nossas idéias livremente, e apesar dessa perseguição política onde os 8 foram suspensos de suas atividades acadêmicas por 15 dias nós continuaremos a nos mobilizar em defesa dos estudantes.

CORTES NO HC DA UNICAMP

O Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp, referência em muitas especialidades, está sofrendo as consequências da atual política econômica. Isso se dá através de cortes (mensais) no atendimento. Segundo nota divulgada na imprensa local, serão feitos os seguintes cortes: 21.400 exames,

3.500 consultas ambulatoriais, 870 atendimentos de urgência, 130 cirurgias e 120 internações.

Considerando a importância desses atendimentos para a comunidade da UNICAMP-HC e para a população que busca o hospital, a enfermagem vem repudiar os referidos cortes numa área tão essencial e levantar a

necessidade de todos (alunos, funcionários e professores) lutarmos para que o atendimento seja realmente garantido.

Roseli Cassoli
Relações Externas do Centro Acadêmico de Enfermagem - CAE



REITORIA CORTA A MANUTENÇÃO DAS CASAS DA MORADIA E PÕE EM RISCO A VIDA E A SAÚDE DOS ESTUDANTES

O DCE EXIGE IMEDIATA VOLTA DA MANUTENÇÃO DA MORADIA

A Moradia Estudantil da Unicamp foi construída em 1990 depois de anos de luta dos estudantes. Por vários anos o Ciclo Básico foi a residência de muitos alunos que não tinham condições de se manter em Campinas. Era a TABA, a precursora da nossa Moradia.

Pois bem, naquela época o Reitor da Unicamp era o atual Ministro da Educação Paulo Renato, que não era diferente do que é hoje não. Nossa Moradia teve um custo altíssimo (R\$40.000,00 por casa) e teve sérios problemas de construção. De fato, em 1992, dois anos após sua inauguração a imprensa de Campinas noticiava que a mesma estava em ruínas. O tempo só fez piorar a situação. Qualquer chuva em Campinas resulta em inúmeras goteiras nas diversas casas. O desmoronamento também é constante. No ano passado, duas casas correram sérios e reais riscos de ir ao chão.

Nestes 9 anos de Moradia foram várias tentativas de cobrança de taxas. A última foi no ano passado, o primeiro ano de uma Reitoria que se elegeu com um programa progressista e teve uma vitória maciça nos três segmentos da universidade. Os representantes discentes da Comissão Geral Para a Moradia - CGPM - denunciaram em agosto o projeto da Reitoria de implementar a cobrança de taxas já para o ano de 99. Depois de muito debate dentro da CGPM a mesma marcou para o dia 17 de Novembro a votação sobre a cobrança ou não de taxa. A mobilização dos estudantes foi intensa. No dia 10 de novembro a Moradia presenciou a maior Assem-



Foto aérea da moradia: descaso e abandono por parte da reitoria

bléia de sua história, que decidiu por unanimidade contra a cobrança de taxas e criou três Comissões de Estudantes com fins de apresentar propostas a comunidade: Princípios, Extensão e Captação de Recursos.

No fatídico dia da votação, cerca de 150 estudantes se concentraram na Reitoria até o fim da reunião, que trouxe mais uma vitória da mobilização estudantil da Unicamp: por 6 votos a 5 a cobrança de taxa saía definitivamente da pauta de discussão da CGPM e maio foi o prazo estabelecido para que as comissões criadas na Assembléia apresentassem suas propostas à Comunidade universitária e à CGPM.

Com uma batalha vencida os estudantes arregaçaram as mangas e os resultados estão aí. Da comissão de Ex-

tensão saíram os projetos que hoje já são realidade: Supletivo, Curso Pré-Vestibular e Oficinas para comunidade de Barão Geraldo estão funcionando a todo vapor, num trabalho muito bonito. A Comissão de Princípios vem se reunindo 2 vezes por semana (todas Terças e Quintas às 23 horas) e tem avançado nos pontos que devem nortear a Moradia (critérios de seleção, por exemplo). Apenas a Comissão de Captação de Recursos que ainda não avançou.

Mas se os estudantes estão cumprindo seu papel histórico, a Reitoria está devendo e muito. No final de fevereiro, numa atitude autoritária e unilateral, ela resolveu cortar a Manutenção da Moradia. O DCE repudia veementemente tal atitude que, além de ser anti-democrática (uma vez que não ouviu os estudantes) é irrespon-

sável, pois põe em risco não só um patrimônio público mas também a saúde e a integridade física dos moradores. De fato, a Moradia no estado de abandono que se encontra, está se deteriorando. Desmoronando, literalmente.

VIOLÊNCIA E MEDO TOMAM CONTA DA MORADIA APÓS A TERCEIRIZAÇÃO DA SEGURANÇA

Insegurança, assaltos a mão armada. Palavras que assustam fazem parte do cotidiano de estudantes que moram na moradia após a terceirização da segurança. Como que querendo tirar a oportunidade daqueles sem-dinheiro, que vêm na moradia uma garantia de ter chances iguais ao estudo, a reitoria deixa estes alunos ao Deus-dará, achando que acabando com a manutenção e com a segurança, talvez consigam por em prática um projeto antigo defendido por privatistas: o de acabar de vez com a moradia gratuita. Com o discurso do fim ao assistencialismo, aqueles que usufruíram da universidade pública um dia, hoje se colocam contra o acesso amplo a ela, como se ela fosse um castelo, uma ilha, onde apenas a elite tem a senha de entrada. Nós viemos dizer que a moradia não pode ser sucateada, os dirigentes de plantão não tem o direito de se desfazer desta maneira do patrimônio público. Queremos que a moradia volte a ter manutenção, segurança, dignidade e respeito aos alunos que ali moram, e que os campi de Limeira e de Piracicaba também tenham a suas moradias estudantis gratuitas.

FOP - O pato feio da Unicamp

A Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP) da Unicamp, como as demais instituições de ensino superior no Brasil está em crise e sobrevive ao desprezo e à extinção de verbas do governo às custas da "colaboração" de seus graduandos. Entre os problemas que enfrentamos destacam-se: falta de moradia estudantil, aluguel de material pelos alunos, a comida do bandejão é feita em Campinas (e não aqui), faltam peças anatômicas para estudo, somos obrigados a assistir aulas de um cursinho para o provão em detrimento de outras aulas, falta de informação sobre o que acontece na vida universitária, e o contato com os ou-

tros CAs, Atléticas e o DCE acaba sendo muito restrito.

Apesar de termos poucos alunos, a presença de pobres no curso ocorre. E estes sofrem ainda mais pela falta de moradia estudantil gratuita, que ainda não chegou a Piracicaba. Os alunos que vêm de outra cidade têm que pagar aluguel para morar, pois este direito nos é negado. A falta de verbas chegou em nossa porta para valer. Em algumas matérias, para termos material de uso nas aulas, pagamos. É o mesmo que pagar para utilizar materiais de um laboratório de química durante a aula. Mas não para por aí. Nas aulas de

histologia temos que alugar nossas lâminas para uso no semestre. Esse aluguel custa R\$60,00, fora a reposição caso alguma se quebre. Mas a Unicamp não é estadual, pública e gratuita? Fora a falta de peças nas aulas de anatomia: alguns músculos da cabeça não são vistos por falta de peças, e a cabeça e o pescoço são as partes mais importantes a serem estudadas num curso de odontologia.

O bandejão é feito em Campinas e transportado para Pira diariamente por meio de kombis da Unicamp. Apesar dos pedidos não temos cozinha, apenas a comida "balanceada" (balança de um lado para o outro) que nos mandam. E o provão? Os alunos do último ano são obrigados a participar de um cursinho para o provão, sob pena da nota do simulado (também

obrigatório), entrar na nota de clínicas. A avaliação não ocorre com base no curso normal, mas em grande parte naquilo visto no cursinho.

Há uma maquiagem do que realmente se aprende com aquilo que aparece na prova do MEC.

Gostaríamos de aumentar o intercâmbio entre as outras unidades, pois apesar do curso de Odontologia ser em Piracicaba, ele ainda faz parte da Unicamp. Gostaríamos de receber mais notícias dos outros CAs, Atléticas e do próprio DCE. Nós do Centro Acadêmico XXI de Abril esperamos que essa situação mude, e se depender de nós, faremos tudo para que isto ocorra.

- CAXXI DE ABRIL - FOP

com colaboração do conselho editorial

CARTEIRINHA ESTUDANTIL: DIREITO CONQUISTADO NÃO SE PAGA

Em 1993, quando o Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (DCE Puccamp) questionou os rumos tomados pela carteirinha da União Nacional dos Estudantes - UNE, que envolvia suspeitas a respeito do processo de licitação para sua confecção, isso virou polêmica nacional no meio estudantil. Depois, a discussão do monopólio da carteirinha, por uma infinidade de conveniências políticas, quase desapareceu. Não que isso fosse a unanimidade e que este debate tivesse sido sepultado.

Mas, para lembrarmos um forte ditado popular, "pau que nasce torto, cresce torto e morre torto". E o monopólio se complicou por si só ao longo do tempo. E o 'imposto compulsório' da carteirinha passou a controlar o movimento estudantil nacional impondo uma outra ética, um outro "modus operandi", um outro estilo, uma outra política, um outro preço, que só fez por sustentar aparelhos burocráticos e estranhos conchavos, distanciando o conjunto dos estudantes brasileiros dos processos políticos nas entidades de representações estudantis. Assim, o monopólio criou um círculo vicioso, onde a facilidade de obter o dinheiro do estudante provocou, por si só, que os representantes, se burocratizassem e se afastassem da realidade dos estudantes, e estes se sentissem cada vez mais usados, evitando sua participação. Paralelamente a todo esse processo, alguns fatos ilustram claramente o caráter desta burocratização e o quanto ela pode comprometer a independência do movimento estudantil. Vejam bem o que aconteceu este ano na briguinha entre Itamar e FHC: a direção da União Nacional dos Estudantes operou como força auxiliar do aparelho de estado do governo Itamar Franco. Seus "líderes" se encarregaram de trazer o "gado" estudantil com o dinheiro do contribuinte mineiro para aplaudir o topete do Itamar, ex-vice do Collor, fato sem precedentes na história do movimento estu-



dantil.

Mercadoria cara e comércio libertino é o mínimo que se pode dizer do famigerado monopólio das carteirinhas. Menos de 15% dos estudantes secundaristas brasileiros adquirem hoje a carteirinha e dentre aqueles 2% dos brasileiros que conseguem chegar à universidade, mais de 50% não consegue adquirir a carteirinha e ficam privados do direito à meia entrada.

Em conjunturas políticas piores e sem essa dinheirama, os estudantes brasileiros souberam ousar, se organizar e ser milhões de vezes mais aguerridos que agora. Foi assim na luta na clandestinidade contra a ditadura militar, na luta pela Anistia, no Fora-Collor. A carteirinha só serve aos seus senhores. O diacho é que os estudantes brasileiros não são seus servos, seus escravos ou seus filhos bastardos. Práticas políticas da pior direita se impuseram sobre o movimento estudantil sob o império da moeda forte do monopólio.

A meia entrada é um direito inalienável dos estudantes. Afinal, quem tem matrícula é estudante. Querer vender uma outra régua para medir isto é ser paternalista e filiar milhares a entidades por obrigação despolitizada, a troco de um benefício imediato, renovado anualmente sem gastar uma política coletiva e combativa, trocando na mente de milhares o significado de várias entidades históricas dos estudantes por centrais de escambo público de favores. É o pacto da mediocridade: eu compro a sua carteirinha e finjo que você me representa, você fica com o meu dinheiro e finge me representar.

Em 1998, em decisão histórica do conselho de entidades de base, formado por Centros Acadêmicos e Representantes de Unidades da Unicamp, (CRU - Conselho de

Representantes de Unidade) decidiu parar com a relação comercial estabelecida entre os estudantes e suas entidades. As entidades representativas da Unicamp se posicionam contra a confecção da carteirinha da UNE e lançam um movimento para fazer valer o RA como comprovação da condição de estudante para garantir o direito à meia entrada, conquista também histórica dos estudantes brasileiros. Ao mesmo tempo estudantes e lideranças secundaristas nacionais e paulistas tomavam semelhante posição. Em 1999 lançou-se uma campanha no âmbito do estado de São Paulo em defesa da meia-entrada e contra a necessidade da segunda comprovação da condição de estudante. Outras iniciativas aconteceram nos estados da Bahia e do Paraná.

O Diretório Central dos Estudantes da Unicamp, gestão Espaço Aberto 1999, encampou a luta e a delibera-

ção do Conselho de Representantes de Unidade da Unicamp.

Agora em março, o caderno folhateen da Folha de São Paulo divulgou matéria sobre a manifestação vitoriosa no cine Belas Artes em São Paulo, onde cinquenta estudantes garantiram a meia-entrada para assistir ao filme "A Vida é Bela" somente com o RA, provando que nossa causa é justa e, pela grande repercussão da matéria entre o conjunto dos estudantes, podemos afirmar sem medo de errar: nossa causa tem o apoio dos estudantes brasileiros.

Gostaríamos de deixar aqui bem clara a nossa posição e convidar você a construir esta luta pelo Brasil a fora com sua participação, sugestões e críticas. A ação em defesa da meia entrada está sendo acompanhada de uma briga jurídica, onde estamos questionando na justiça a carteirinha obrigatória da UNE.

CAMPUS DE LIMEIRA: O DCE ESTÁ DE VOLTA

Limeira é logo ali. Você já deve ter ouvido falar: laranja, cana-de-açúcar e o CESET (Centro Superior Tecnológico) da Unicamp, ou Fatel da Unicamp, nosso campus universitário em Limeira. O professor Ângelo Cortelazzo da pró-reitoria passou por lá no início do ano, tempos de formatura e discursos bonitos. O do orador dos estudantes foi de longe o melhor. Há críticas e reivindicações dos estudantes, cerca de 300 estudantes de tecnologia em diversas áreas.

Andaram querendo apagar o campus de Limeira do mapa da Unicamp. Isso ocorreu em 96, 97 e 98, onde a vontade explícita de autoridades universitárias acabou baixando drasticamente o número de alunos, além de outras arbitrariedades. A galera reagiu. O movimento estudantil de Limeira sempre alerta soube dar a resposta à universidade e à sociedade sobre a importância do campus de Limeira.

Mas, o projeto para o campus precisa de mais luz. Dias desses uma cerca foi colocada impedindo a passagem dos estudantes do CESET ao ponto de ônibus.

Resultado: um aluno foi parar no hospital e por pouco não morreu, porque foi pular a cerca e se machucou nas lanças colocadas ali. A universidade escondeu que em Limeira existe um curso de computação (Tecnologia em Processamento de Dados), e a revista Exame publicou uma lista com todas os cursos desta área excluindo o curso da própria Unicamp, como se esta tivesse vergonha, ou algo a esconder. Em Limeira ainda não tem moradia estudantil gratuita aos alunos, a casa de cultura do CA precisa ser reconquistada, há problemas nos currículos e reconhecimento das matérias com a grade geral da Unicamp, evitando que o aluno que cursou no CESET tenha seus créditos computados caso queiram fazer pós-graduação.

Mas, com tantos acontecimentos a melhor coisa que tem o campus de Limeira, com certeza são os seus alunos.

O DCE da Unicamp está presente no cotidiano das lutas em Limeira e, ao contrário dos últimos anos terá sempre um espaço aberto para os estudantes e seus sonhos.

A APG-UNICAMP SE APRESENTA UNIVERSIDADES EM CRISE FINANCEIRA

A Associação de Pós-Graduandos da Unicamp completa em 1999 15 anos de existência. Nesse ano também entramos em mais um momento de dificuldades. Ao assumir a APG, a gestão Mutirão – Em defesa da Universidade Pública e Democrática, encontrou pela frente a ameaça do corte de bolsas, crise financeira interna e externa à universidade, mudança de estatutos e regimentos, proposta de aulas para bolsistas CAPES, entre outros.

Apesar de contar com uma estrutura modesta se comparada à de outras entidades (a APG recebe mensalmente R\$240,00 do aluguel da xerox em sua sede e os recursos advindos da filiação de membros), encara de frente essas situações. Organizou manifestações contra o corte de orçamento das agências de financiamento, levou a opinião dos estudantes, tirada em Assembleia, para Brasília e para os órgãos governamentais de Campinas e do estado. Se posicionou a favor do Congresso Estatuinte em oposição à discussão enlatada no Consu e participará de sua organização. Luta contra a política de cortes de recursos para a assistência estudantil (moradia, restaurante universitário, bolsas internas), que de direitos e apoio tornaram-se privilégios nos discursos da Reitoria. Lançou junto com o DCE a campanha *Universidade Para Todos*, que visa pressionar a Universidade para que amplie sua captação de alunos entre aqueles que não

possuem recursos financeiros para participarem do processo atual de seleção e para que mantenha as condições para que esses alunos aqui permaneçam.

Mas esse posicionamento tem um preço. A reitoria não hesitou em punir 3 pós-graduandos (da APG) com suspensão de 15 dias pela ocupação da sala do Consu. Estes e mais os 5 suspensos da graduação eram a ferramenta da opinião daqueles que não aceitam que representantes discentes sejam barrados nos órgãos colegiados por terem reprovado em alguma disciplina. Foram “escolhidos” 8 dentre os 564 que apresentaram-se como responsáveis pelo ocorrido. Além da APG e do DCE Unicamp, a ANPG, as APGs da UFF, UFSC e UFRJ, os DCEs da USP, UNESP e PUCCAMP, a UNE, UEE, Fórum das Seis Entidades e a Fasubra também manifestaram seu apoio ao ato.

Todo esse discurso tem um porquê. O caminho a ser trilhado é tortuoso, com diversos obstáculos. Mas a manutenção e ampliação do ensino público e de qualidade é um objetivo que merece dignamente que esse trajeto seja percorrido. Para isso, a APG conta com a participação dos alunos de pós-graduação que esperam que as condições encontradas na universidade pelas gerações futuras sejam melhores que as atuais.

Que a APG e o DCE continuem num mutirão.

A crise econômica agravou ainda mais a situação das universidades públicas brasileiras. Além da redução imposta no orçamento da união que está no congresso nacional, a CAPES e o CNPq anunciaram a redução dos investimentos em diversos projetos, como o Pronex. Para as estaduais paulistas (Unicamp, USP e Unesp), que dependem de porcentagem do ICMS, a recessão e o desconto dado para montadores de automóveis fazem com que a situação seja ainda pior. Com o desemprego recorde, estamos num círculo vicioso. Aliado a isso a desvalorização do Real fez as previsões orçamentárias se tornarem mera fantasia. Aqui na Unicamp equipamentos hospitalares, assinatura de periódicos, dobraram de valor. Para este ano já não foram renovadas a assinatura da maioria dos periódicos. O HC já está reduzindo seu atendimento por falta de manutenção em equipamentos e material importado. O déficit previsto em Dezembro para esse ano era de 20 milhões de Reais. Deve ser maior.

A moradia estudantil teve sua manutenção fechada. A contratação de professores, mesmo em substituição aos que se aposentaram, está praticamente suspensa.

Com a inflação de 15% prevista para esse ano e a data base de renegociação salarial de funcionários e professores chegando (Maio), soluções precisam ser encontradas. As bolsas perdem seu poder aquisitivo e não são reajustadas. As perspectivas não são nada boas. Todo um trabalho de décadas está sendo comprometido em apenas um governo. E, segundo o Ministro de Ciência e Tecnologia, Bresser Pereira, “não haverão recursos adicionais para aquelas instituições que se manifestarem politicamente” (página do MCT na internet). Censura mais descarada, impossível.

Temos três opções: agir contra isso, esperar que a crise chegue na nossa mesa ou concordar com ela. As duas últimas nos levarão a perder a ciência brasileira em prol de uma “comprada lá fora”. A primeira nos trará a força que construiu universidades como a UNB e a UFRJ e mantém, entre outras, essa nossa. Contamos que os pós-graduandos façam a escolha certa e junto com o restante da comunidade preservem um futuro que é nosso.

Marcelo Dantas – APG

Literatura latino-americana: a arte que não sucumbe ao tempo

Num mundo repleto de Stephen King, Danielle Steel, Jostein Gardem, temos nosso Paulo Coelho: conviência quase forçada com o medíocre filósofo, esotérico-literário. É o que vende-o Jô (Soares) também se inclui nesse rol. São os nomes (de modo algum grandes) mais citados nas revistas mais populares do país, não precisando sequer de críticas favoráveis para se tornarem *best-sellers*.

Num mundo real e fantástico, porém, há Goethe, Shakepeare, Kafka e nós produzimos Machado de Assís. O pronome nós se entende à demição da América Latina. A literatura latino-americano, de rica e bela, estende-se ao mundo sem ares de humanidade. Sem o “fascismo” da Veja, citamos Gabriel Garcia Marques, Júlio Cortázar, Jorge Luís Borges, Octávio Paz, Guimarães Rosa, Melo Neto, Clarice Lispector, o próprio Machado.

Garcia Marques escreveu um livro que deveria ser considerado patrimônio da humanidade: **Cem anos de solidão**, Machado de Assís deixou-nos o legado de sua genialidade com as **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Júlio Cortázar fez da literatura a arte matemática da combinação, assim como a vida o é, em seu **Jogo da Amarelinha**. Simplesmente citando, tem-se a impressão de que a produção é pequena e o plantio cessou. Tendo engano: a história é mais complexa e inclui mesmo o sentimento da Latino-América em relação a si e sua arte. Esta disseminar nomes pela história; as obras, de beleza além-fronteiras, ultrapassam a fronteira do tempo, um Deus que não as devora.

Tággidi Mar Ribeiro

PARTICIPE DAS REUNIÕES DO DCE ESPAÇO ABERTO - TODAS AS TERÇAS FEIRAS ÀS 12H00, NA SEDE DA ENTIDADE

ENVIE SUAS OPINIÕES, CRÍTICAS E SUGESTÕES AO E-MAIL DO DCE: dce@unicamp.br

CONTRA O CORTE DE VERBAS PARA A UNIVERSIDADE PÚBLICA!

**Ato dia 30 de abril, no Vale do Anhangabaú, São Paulo
O DCE levará um ônibus - Increva-se no DCE e participe**

A UNIVERSIDADE PÚBLICA, GRATUITA E DE QUALIDADE, SUSTENTADA PELO TRIPÉ ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO, É INVIÁVEL QUANDO DA DESCONSTRUÇÃO DO ESTADO NACIONAL E DA SUBMISSÃO IMPOSTA PELOS AGENTES EXTERNOS DAS ECONOMIAS DITAS DESENVOLVIDAS.

A cada dia observamos o agravamento da crise financeira nas universidades públicas e gratuitas. Está na pauta de discussões de todos os dirigentes universitários do país a seguinte dúvida, revelada ou não: conseguiremos pagar os salários dos servidores técnico-administrativos e docentes? A esta dúvida se associa outra: se não conseguirmos, o que faremos?

Mas por que estamos passando por essa crise nas universidades? Por estarmos numa crise econômica como a atual? Acreditamos que o buraco é mais embaixo.

Na atual conjuntura está em fluxo de forma desenfreada, e até mais contundente do que em países que permaneceram por mais tempo sob o governo dos "produtores" dessa ideologia, a aplicação do ideário neoliberal. Faz parte deste ideário a total privatização das estatais, a abertura da economia interna dos países periféricos para os produtos dos países centrais, o descomprometimento do Estado com as áreas sociais, a devassa dos direitos conquistados dos trabalhadores.

Sendo o aplicador deste ideário no Brasil, o governo FHC faz certo em diminuir os gastos com a universidade pública e

gratuita e no complexo de Ciência & Tecnologia em geral. Afinal a universidade pública e o sistema de C&T está umbilicalmente vinculado com a Soberania Nacional. Se a produção científica estiver em pleno desenvolvimento teremos capacidade de responder aqui mesmo as demandas sociais, econômicas e políticas que se impuserem, além de condições objetivas de construir a nossa própria Política de Desenvolvimento, sem ter que levar em conta os programas ditados direto dos EUA ou do G7.

Logo, o que vemos não é simplesmente uma crise orçamentária das universidades públicas e sim a própria crise das universidades públicas como a conhecemos - tendo ensino de qualidade, produção de conhecimento e difusão para a sociedade do acúmulo cultural e do saber (ao menos assim deveria ser).

Os primeiros golpes já foram dados que são justamente o arrocho orçamentário imposto pelo MEC e pelos governos estaduais, o distanciamento das universidades públicas e gratuitas da imensa maioria da população por não haver atividades de extensão, a aprovação da LDB, o incentivo à criação de "fábricas de diplomas", o desrespeito a Autonomia Universitária (veja o exemplo da UFRJ), o corte de verbas para as agências de fomento de pesquisa, a política de criação de Fundações Universitárias, o surgimento dos Centros Universitários que vai contra a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a proposta de cobrança de mensalidades, entre as mais perceptíveis.

Coloca-se então, para

o conjunto da Comunidade Universitária, que a pauta de discussão interna tem que ser, no mínimo, ampliada da reivindicação por mais verba e centralizar na discussão de qual a universidade que queremos, a serviço de quem, etc.

Além disso, necessitamos de nos juntar aos grupos sociais que estão sofrendo na pele, literalmente, os frutos desta famigerada política neoliberal aplicadas pelo professor doutor Fernando Henrique Cardoso e que estão dispostos a organizar a resistência e o ataque a essa política.

Para ser mais claro: para termos verbas para pagar os salários dos trabalhadores da universidade, ter de volta as bolsas de pesquisa cortadas, contratarmos professores para os cursos que estão faltando, contratar funcionários para que haja de fato cursos noturnos, Ter moradia e bandeirão gratuitos é necessário exigir de volta a Soberania Nacional, mandar o FMI de volta para a sua casa, dar um FORA para o FHC e a sua turma, chamar novas eleições e colocar no lugar um governo que atenda as reivindicações da juventude e dos trabalhadores.

Para que isso ocorra é necessário deixarmos bem claro que estamos descontentes com esse governo, ir para as ruas dar o nosso recado. Não dá para esperar do subserviente Congresso Nacional. A próxima data nacional de luta contra esse governo já está marcada - 30 de abril, no Anhangabaú.

Seja você estudante de Engenharia, Educação Física, Biologia, Dança, Filosofia ou História, faça história. Participe, vá ao

seu CA ou ao DCE e discuta outras formas de garantirmos uma Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade Para Todos.

*Gediel Ribeiro de Araújo Jr.
Coordenador Geral do DCE*

VAMOS CANTAR:

FORA FHC E FMI

(no ritmo de *Que Diferença da Mulher o Homem Tem* - de Luiz Gonzaga)

agradecemos ao Centro Acadêmico de Letras e Linguística - CALL, em especial à Rita e à Teca, e ao grupo teatral Farmácia Brasil, que em 94 originaram esta versão)

Que diferença de um Fernando o outro tem
Espera aí que eu vou dizer meu bem
Fernando Collor tem cabelo de lado, tem nariz avantajado e o outro não tem
Que diferença de um Fernando o outro tem
Espera aí que eu vou dizer meu bem
Fernando Henrique tem um pé na cozinha, tem a mão espalmadinha e o outro não tem

Um belo dia era de manhã
Fernando acordou pensando que era rei
Fernando aqui, Fernando ali, Fernando lá
A sina de Fernando é querer nos ferrar

Fernando Collor tinha a Globo pra ajudar
Tinha um plano pra lançar
E o Itamar para botar crença

Fernando Henrique também tem do mesmo jeito
Se for reparar direito
Tem pouquinha diferença

O que já era farsa virou tragédia
Tudo foi privatizado
E nem pediram a nossa 'bença'

Fernando Henrique diz que o povo é vagabundo
E que banqueiro é o rei do mundo
E a gente 'guenta' a consequência

CALOURADA DCE UNICAMP 99: ALEGRIA E DESCONTRAÇÃO NAS BOAS VINDAS AOS NOVOS CALOUROS

NEM O APAGÃO TIROU O BRILHO DE MARISA MONTE E OS ESTUDANTES CURTIRAM O SHOW ATÉ O FINAL



SKANK LEVOU A GALERA AO DELÍRIO COM SUAS MÚSICAS DANÇANTES, ALEGRES, SEM PERDER O TOM DA CRÍTICA SOCIAL



E aí pessoal... Gostaram dos shows??!! Bom, esperamos que sim. Após 4 anos sem realizar shows no ginásio, o DCE-Unicamp trouxe Marisa Monte e Skank para receberem os calouros. Foram dois meses de muito trabalho para oferecermos a vocês shows de primeira. E não faltaram emoções, principalmente para os que estiveram no show da Marisa Monte, recorde de público: os ingressos acabaram dois dias antes. E é claro que tudo ficou escuro, com o blecaute na metade do país que era só para dar um pouquinho mais de aventura a vocês. Mas da nossa parte, ficamos desesperados para encontrar um megafone. Mas ainda bem que tudo deu certo, a maior contribuição, não podemos deixar de citar, foi do

público que soube compreender a situação, manter a calma e aguardar uma solução. Valeu galera!!

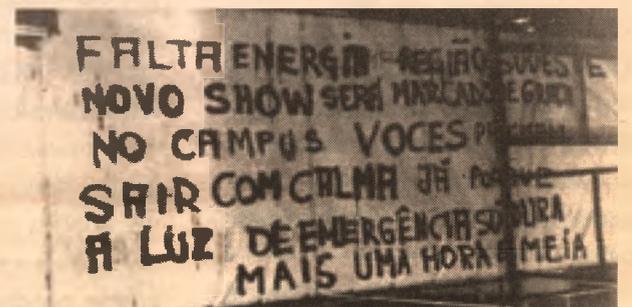
O do Skank foi aquele show de bola. Tivemos até o apoio do Samuel no seu discurso em defesa da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade. Foram mais de duas horas de show porque segundo eles "é muito gostoso tocar aqui na Unicamp". Rolou até um Bob Marley... de leve.

Participaram da calourada em torno de 17 mil pessoas. Nos shows realizados, o DCE não obteve lucro mas também não arcaria com os prejuízos caso tivesse ocorrido (como poderia ter acontecido caso o show da Marisa Monte fosse cancelado). O lucro inicialmente recebido pelo DCE foi dos bares dos dois eventos, onde recebemos 50 % do lucro líquido.

A campanha de arrecada-

ção de livros, iniciada durante a Calourada, ainda está de pé. Estamos aguardando a sua contribuição. O local de arrecadação, você já sabe.. é aqui! No seu Espaço que permanecerá sempre aberto a sua espera.

O DCE também foi firme no propósito de acabar com a necessidade da carteirinha da UNE para pagar 1/2, pois acredita que este é um direito do estudante, e não só do



Alarme Falso: cartaz improvisado no show da Marisa Monte, durante o apagão. Felizmente, não foi necessário, pois a luz só se apagou o tempo da galera tomar uma cervejinha

estudante filiado à UNE, por isso bastava apresentar qualquer carteirinha de estudante para pagar meio ingresso na calourada. Neste sentido, estamos ingressando com uma ação contra a carteirinha da UNE (veja matéria neste jornal).

O DCE-Unicamp aproveita este espaço para dar os parabéns a todos os que construíram a festa, e se posicionar contra a intolerância e o trote violento. Vamos acabar com isso, pois o trote deve ser uma brincadeira para integrar as pessoas, e não pode jamais servir para humilhar ninguém.

**O PACATO CIDADÃO
TE CHAMEI A ATENÇÃO
NÃO FOI À TOA, NÃO!**